

Germinal



N.º 1—ANO I
1 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»

ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — DIRECTOR, EMILIO COSTA. — EDITOR, MARIO COSTA.

Condição exigida pela lei d'imprensa em vigor.

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Aos seus colegas da imprensa operária ou afecta ao operariado — socialista, anarquista, sindicalista e independente; aos que lutam pela emancipação humana, em qualquer das suas tres formas — economico-social, intelectual e moral; a todos os desherdados, o GERMINAL envia as suas saudações fraternais.

Leitor:

Aparece este jornal em circunstancias de excepcional gravidade, tanto da vida internacional como da vida portuguesa.

As relações politicas e economicas entre os povos e entre os individuos, estão soffrendo um choque tremendo, cujas consequencias ninguem neste momento, pode prever.

Não está no poder dum homem, duma classe ou duma nação, determinar agora a orientação da vida coletiva, marcar-lhe o seu destino immediato, tão numerosas são as causas determinantes desta grande crise e tantos acontecimentos imprevisos comporta a complexidade da vida social moderna.

Mas se assim é, não quer isso dizer que abduquemos da nossa razão, não lhe subordinando, tanto quanto possível, a intervenção directa ou indirecta que cada individuo pode ter na vida da sociedade a que pertence, porque, se não sabemos qual é a resultante final, sabemos contudo que ella é uma combinação em que entram, como componentes em proporções variadissimas e desconhecidas, os esforços de cada um.

Ha um bom numero d'annos que servimos este ideal — a constituição duma sociedade livre — e defendemos a

sua doutrina — a do comunismo anarquista — com toda a sinceridade, empregando uma orientação e uma tática que á nossa razão mais convenientes se mostravam para os fins a atingir.

Ha tempos que acontecimentos sociaes de toda a ordem nos vinham abalando quanto á eficacia da tática até agora empregada. A guerra europeia veio acabar de nos convencer de que alguns, senão muitos erros se tem praticado, que importa corrigir para bem do ideal e da doutrina que defendemos. A vida, para nós, é uma serie de experiencias e uma serie de lutas, que constituem lições a aproveitar, conservando-se o que é bom e regeitando-se o que é mau, na convicção de que nada é eterno e constante, desde o principio scientifico mais fortemente estabelecido até á tática mais comensinha duma lucta de ocasião.

E' provavel que o que vamos dizer nos numeros successivos de *Germinal*, desagrada a alguns camaradas, que julgarão nocivo ou inutil o nosso trabalho. Não os consideraremos por isso maus companheiros, procurando sempre, mantendo as nosas opiniões, contribuir para que exista constante a harmonia entre todos, respeitando-se reciprocamente, pondo sempre em pratica o mais elementar preceito do homem civilizado: a tolerancia. Evitaremos porisso, o mais que podermos, as polemicas, pois a experiencia diz-nos que raramente ellas produzem resultado util, sendo causa, quasi sempre, de disputas e divisões que só aproveitam ao adversario comum. Mais do que nunca é preciso pôr em pratica o preceito fundamental da nossa doutrina: a maxima autonomia aliada á maxima solidariedade: esforçar-nos-hemos por não nos desviarmos d'elle, na propaganda que vamos encetar.

Os anarquistas e a guerra europeia

Desde que estalou a guerra, que entre os anarquistas e sindicalistas revolucionarios se estabeleceu uma confusão, que não tem feito senão aumentar nos cinco mezes que vão decorridos. Chegaram as coisas a ponto de a confusão ter originado a discussão acrimoniosa, a divisão, que cada vez mais se acentua, entre os que hontem ainda se consideravam bons camaradas, originando, como não podia deixar de ser, o pessimismo, o scepticismo, a antipatia, a indiferença, a desorientação, segundo os temperamentos e as educações, resultando talvez de tudo isto, a prolongarem-se os seus efeitos, uma paragem ou um grande recuo na marcha das ideias que uns e outros defendem.

São sem numero os artigos de jornaes e as discussões entre camaradas, sobre a attitude dos anarquistas em face da guerra, não parecendo, pelo que até agora se tem visto, que se caminha para um entendimento ou sequer para se desfazerem os mal-entendidos que existem. A acrimonia aumenta e ella é má conselheira; dizem-se coisas que a sangue frio se não diriam, e uma vez ditas, como os anarquistas não são isentos do orgulho que manda sustentar o que se diz, não se volta atraz, a desfazer o exagero e a má impressão naturalmente produzida por elle; e assim se agrava a divisão estabelecida pela diferença de opiniões, passando para a incompatibilidade entre as pessoas.

E' claro que cada camarada, que ler estas linhas, diz logo que não é elle que procede assim, que são os outros e principalmente os que não pensam como ele. Mas isto não tem importancia para a questão e prova apenas que os anarquistas estão, em geral, num estado

mental semelhante ao dos outros individuos, apaixonando-se facilmente, personalizando demasiadamente as questões e manifestando uma lamentavel tendencia para a intolerancia.

N'estas condições, no estado a que as coisas chegaram, não me parece facil que cada um se preste a arripiar caminho para se tentar chegar a um acordo. E é por isso que, depois de convencido desta dificuldade e da inutilidade dos esforços que se empregassem em pretender vencê-la, conclui que só o tempo e os acontecimentos actuarão de forma a fazer baixar a fervura levantada. D'aqui a alguns anos, quando se olharem os acontecimentos de agora com mais calma e com os ensinamentos recebidos, como hão de parecer as questiunculas actuaes, coisas pueris, inuteis; e como ha de parecer infantil cada um dos que agora mais encarniçado se mostra a demonstrar que o que não pensa como ele, não é um perfeito anarquista, não merece por isso, o nome de bom camarada, só causa prejuizos á ideia, sendo elle que a defende, que a mantem pura e intangivel, para salvação do mundo!

Não valendo a pena remar contra a corrente, contribua cada um — uns polemicando, outros, como eu, fugindo á polemica inutil ou deleteria — com as ideias que tem acerca da questão, no sentido de a aclarar.

Depois, daqui a muito tempo, ver-se-á — os que virem! — que erros e que acertos continha o que cada um dizia, pois creio bem que nenhum de nós contem a verdade toda, nem erra por completo em tudo que diz. Pensando assim, assim procederei, na convicção de que, se outro serviço não presto á ideia, lhe presto o de, com esta maneira de proceder, não alimen-

tar as divisões e as discordias que só mal lhe tem feito e não-de fazer.

No que vai seguir-se, está o que penso acerca da questão contida no título desta pequena serie de artigos. Se depois os acontecimentos me fizeram mudar de opinião, singelamente direi como se operou a mudança.

Produziu, num grande numero de camaradas, desagradavel impressão, a atitude dos revolucionarios francezes, principalmente, em face da guerra e peor impressão o facto de haver anarquistas que defendiam essa atitude: a de pegar em armas contra os alemães-invasores. Disto resultou uma critica que, segundo os temperamentos e as educações, foi mais ou menos aspera, indo da simples desaprovação até á injúria, pois que de tudo tem havido.

Que não se concorde no todo ou em parte com os actos de uns e as palavras de outros que defendam esses actos; que se procure justificar a não concordancia e mostrar os inconvenientes resultantes d'aquella atitude, está bem. Mas que pelo facto de haver quem proceda e fale de maneira diversa da nossa, se acusem os outros de ex-anarquistas, indo até á feia palavra traidor e se diga que nós é que somos os verdadeiros e coherentes anarquistas, os unicos defensores da ideia, é que está muito mal e por duas razões: por ser uma injustiça e por ser um erro.

E' triste que se vá até estes extremos e que pessoas que se dizem e se tem mostrado anarquistas, se esqueçam de o ser, para, com uma facilidade espantosa, sem tempo suficiente para bem analisarem a questão, sem dados suficientes para bem a conhecer e sobretudo, sem resultados para complemento da análise e formação de uma opinião consciente, afastarem sem rodeios, para fora da camaradagem, umas vezes com indignação de apostolo e iluminado, outras com a ironia escarnecedora de espiritos superiores, individuos que antes mereciam a estima e o respeito que merecem todos que consagram os seus esforços, o tempo, o dinheiro e a intelligencia de que impõem, ao serviço duma causa e de que aproveitavam largamente muitos, senão todos que agora os repudiam ou os censuram.

São estes que assim se comportam, á semelhança dos intolerantes dogmaticos das religiões reveladas — quem não pensa como eu é réprobo — que afirmam serem os unicos anarquistas, como que os depositarios dos livros e das formulas sagradas, fora das quaes não ha salvação!

Chegou-se a isto, por uma precipitação de julgamento, nuns, por mentalidade religiosa

noutros, produzindo uma e outra causa, a confusão, o exagero de apreciação que se foi agravando, por, como já disse, não se querer corrigir o que se diz, não vá pensar-se que mudamos de opinião como uma ventoinha! Procurarei mostrar este fenomeno produzido entre os anarquistas que assim criticam a atitude dos camaradas, no proximo artigo, onde ao mesmo tempo direi o que penso dessa tão verberada atitude.

Agora quiz apenas, no uso dum direito que ninguém razoavelmente me pode contestar, afirmar a minha magoa por ver tanto arrebatamento, tanto espirito absoluto e tanta intolerancia revelada por aqueles que — por serem anarquistas — mais refletidos, menos absolutistas e mais tolerantes se deviam mostrar. E não se diga que exagero ou falto á verdade, pois, como disse, de tudo tem havido.

Chegou-se á excomunhão, como na *Tierra y Libertad*; e tive a magua de vêr um mestre a todos os respeitos estimavel, uma grande intelligencia e um grande character, com uma enorme folha de serviços prestados á causa da revolução social, tive a magua de ver Malatesta perturbar-se a ponto de empregar a palavra *traidores*, referindo-se aos que não pensam e não procedem como elle. No ultimo numero da *Aurora* li o que elle escreve na *Freedom* sobre a atitude de Kropotkine e no artigo seguinte me occuparei da opinião de Malatesta. Mas se nesta carta elle se mostra razoavel, porque não fez o mesmo n'uma carta por elle dirigida a um amigo e cujo extrato seguinte vem publicado na *Tierra y Libertad* de 16 de dezembro?

«... Cuando vea usted a Bonafoux digale que siento que él, que no se dice anarquista, tenga que dar lecciones, bien merecidas, a los que de anarquismo tendrían de ser los maestros. Lo siento naturalmente, no por él, que en sus artículos juzga con criterio sano la situación actual, sino por otros que desmintiendo ideas y sentimientos anárquicos, olvidando los intereses de los trabajadores y haciendo traición á la causa de La Internacional, se ponen al servicio de los opresores, sean ellos franceses, o alemanes, o rusos, o ingleses, o chinos.»

Porque o jornalista burguez L. Bonafoux, elogiou a atitude de Malatesta, apontando-o aos anarquistas como um modelo a seguir, Malatesta deixa-se arrastar pelo seu espirito combativo e critica — dirigindo-se a um burguez, que amanhã é capaz de pedir a forca para elle — os seus camaradas e amigos, de tal forma, que fala em tração, palavra que em sentido nenhum deveria empregar agora, sobretudo falando para um natural adversario.

Mas a paixão é cega e quando ella chega, os melhores deixam de ver e desequilibram-se.

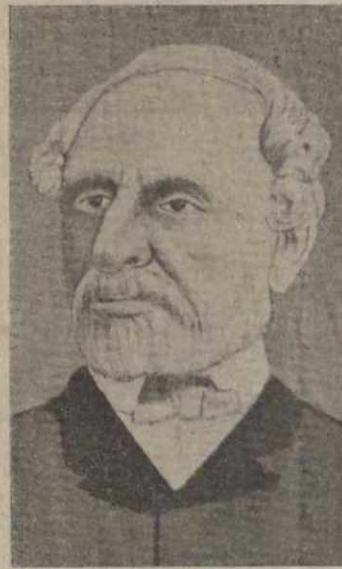
(Continúa)

Emilio Costa.

FIGURAS DA SOCIAL

AUGUSTO BLANQUI

(1805-1881)



Luiz Augusto Blanqui nasceu a 1 de Fevereiro de 1805, perto de Nice, nos Alpes Maritimos, e morreu a 1 de Janeiro de 1881, em Paris, onde na sua mocidade cursára Direito e Medicina. Era filho do convencional João Domingos Adolfo Blanqui.

Desde 1827, em que por ocasião de umas eleições foi gravemente ferido, até que a vida se lhe extinguiu, andou numa rebeldia permanente. Sincero, inflexivel nas suas convicções, gastou as suas forcas fisicas e a sua intelligencia, que era verdadeiramente superior e servida por profundos estudos, em

conspirações sempre abortadas, mas devidamente premiadas pelos regimenes contra os quais se rebelava. Saía dos combates da rua para os carcerezes do Estado e dos carcerezes do Estado para os combates da rua, agora condenado á morte pela Monarquia, depois condenado a prisão pelo Imperio, e mais tarde condenado a deportação pelas Republicas de 48 e 70.

Foi um dos primeiros que depois de 1830, após a ruidosa victoria da burguesia sobre o antigo regimen, ousavam matar a tradição de Babeuf e Buonarrotti. Deu origem ao partido que tomou o seu nome e a sua direcção; mas, pela forma violentamente negativista do seu combate ou por haver profetizado, na anarquia «o futuro da humanidade» e proferido a maxima «Ni Dieu, ni maitre», chegou a passar por anarquista. Esta synthese da sua doutrina: — «insurreição permanente para alargamento sucessivo das conquistas realizadas; ditadura revolucionaria de character socialista; comunismo politico e comunismo economico».

Exercia sobre os seus correligionarios — diz-se — uma especie de autoridade religiosa, que veio a crescer com os anos e que era devida á forca do seu pensamento, á indomavel energia da sua vontade e á austeridade da sua vida. Em todo o caso dava de conselho aos novos, que não escutassem nunca os velhos, nem mesmo elle, «se lhes dissesse coisas contrárias ás suas aspirações». E dizia e repetia que a grande obra a realizar era libertar a mentalidade humana de todos os despotismos e parasitismos de ideias, de preconceitos, de habitos, de manias hereditarias.»

O comunismo, futuro da sociedade

O estudo atento da geologia e da historia revela que a humanidade começou pelo isolamento, pelo individualismo absoluto, e que através de uma longa serie de aperfeiçoamentos deve atingir a comunidade.

A prova desta verdade farsehá pelo metodo experimental, unico valioso hoje, porque foi elle que fundou a sciencia.

A observação dos factos e as suas deducções irrefutaveis estabelecem pouco a pouco esta marcha constante do genero humano. Vê-se nitidamente que todo o progresso é uma conquista e todo o recuo uma derrota do comunismo; que o seu desenvolvimento se confunde com o da civilização; que as duas ideias são identicas; que todos os problemas sucessivamente postos na historia pelas necessidades da nossa especie, tem tido uma solução comunista; que ás questões hoje pendentes, tão arduas, tão cheias de perturbação e de guerra, não se pode dar outra solução, sob pena de se agravar o mal e se cair no absurdo.

Todos os aperfeiçoamentos do imposto, — a *régie* substituindo a concessão, os correios, o sal e o tabaco, são innovações comunistas. Tem a mesma marca as companhias industriais, as sociedades comerciais e os seguros mutuos de qualquer natureza. O exercito, os collegios, as cadeias e os quar-

teis são comunismo em estado vago, grosseiro, brutal, mas inevitavel. Fóra desta via nada se faz. O imposto e o proprio governo são comunismo, da peor especie, é bem certo, mas no entanto de uma necessidade absoluta. A ideia disse apenas a sua primeira palavra. Antes de chegar á ultima, tudo haverá mudado de face. Nós ainda não somos mais que barbaros...

...Sob os nossos olhos desenrolam-se os preliminares da comunidade. Que é a assistencia mutua, cujo principio recebe a todo o instante uma applicação nova e trabalha por solidarizar a pouco e pouco todos os interesses? Uma das faces da transformação que se aproxima. É a associação, essa favorita do dia, panacea universal cujos louvores se cantam em coro, sem uma só nota discordante, que é igualmente senão a grande avenida e ultima palavra do comunismo?

Em todo o caso, nada de illusões. Esta ultima palavra não será proferida, enquanto a grande maioria estiver mergulhada na ignorancia. Primeiro que a comunidade, privada do seu elemento indispensavel, as luzes, desceria a lua ao nosso globo. Ser-noshia tão facil a nós respirar sem ar, como a ela existir sem a instrução, sua atmosfera e seu vehiculo.

(Critique Sociale)

Augusto Blanqui.

GERMINAL

(Últimas páginas)

Fóra, Estevam seguiu um momento a estrada, absorto. Zumbia dentro d'ele toda a casta de ideias. Mas teve uma sensação de ar livre, de céu aberto, e respirou desafogadamente. Despertava o sol no horizonte glorioso; era um acordar alacre da campina toda. Espirava-se do oriente ao ocidente uma onda de ouro sobre a imensa planície. Aquele calor da vida avançava, alargava-se num fremito de mocidade, em que vibravam os suspiros da terra, o canto das aves, todos os murmurios das águas e das ramadas. Sabia bem a vida; o velho mundo queria viver mais uma primavera.

E, penetrado desta esperança, Estevam afrouxou o passo, os olhos perdidos á direita e á esquerda, naquela alacridade da estação nova. Pensava em si, sentia-se forte, amadurecido pela sua dura experiencia no fundo da mina. Estava completa a sua educação; partia bem armado, — soldado da revolução pelo raciocínio, em guerra contra a sociedade, tal como a via e condenava. A alegria de ir ter com Pluchart, de ser como Pluchart um chefe escutado, inspirava-lhe discursos, de que já ia preparando frases. Meditava em alargar o seu programa; o refinamento burguês que o tinha elevado acima da sua classe, lançava-o em um odio maior contra a burguesia. Aqueles operarios cujo odor de miséria agora o incomodava, sentia êle a necessidade de os exaltar a uma apoteose, mostrando-os como unicos grandes e unicos impeccaveis, como a unica nobreza e a unica força em que a humanidade se podia retemperar. E via-se já na tribuna, triunfando com o povo, se antes o povo não o devorasse.

Um cantar de cotovia, nas alturas, fê-lo olhar para o céu. Pequenas nuvens vermelhas, os ultimos vapores da noite, fundiam-se no limpido azul; e as figuras vagas de Suvarine e de Rasseneur appareceram-lhe numa visão. Decididamente, ia tudo por agua abaixo, quando cada um queria para si o poder. Assim, essa famosa Internacional que devia ter renovado o mundo, abortava de impotencia, depois de ver o seu formidavel exercito fraccionar-se, esfacelar-se em questiunculadas intestinas. Teria razão Darwin? não seria o mundo mais que uma batalha, os fortes esmagando os fracos para aformoseamento e continuidade da especie? Perturbava-o essa questão...

... E, sob os seus pés, continuavam os golpes profundos, os golpes obstinados das picaretas. Lá estavam os camaradas todos, que êle bem os ouvia seguirem-no a cada passada.

Por baixo daquela leira de be-terrabas, não era da do Maheu, dobrada pela espinha, a respiração rouca que êle ouvia, acompanhada do rodopiar do ventilador? Á esquerda, á direita, mais além, parecia-lhe reconhecer outros por baixo dos trigais, das sebes vivas, das arvores novas.

Agora, em pleno céu, o sol de abril raiava em toda a sua gloria, aquecendo a terra em gestação. Do flanco maternal brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdadejas, os campos estremeciam com o rebentar das ervas. De todos os lados as sementes inchavam, alongavam-se, gretavam a planície, aguilhoadas pela necessidade de calor e de luz. Escorria um trasbordar de seiva com vozes sussurrantes; o murmurio dos germens expandia-se num grande beijo. E sempre, sem interrupção, cada vez mais distintamente, como se se tivessem aproximado do solo, os camaradas cavavam. Aos raios inflamados do astro, por aquela manhã de juventude, era daquele rumor que a campina estava prenhe. Surgiam homens, um exercito negro, vingador, que germinava lentamente no campo, crescendo para as colheitas do seculo futuro, e cuja germinação não tardaria a fazer estalar a terra.

Emilio Zolá.

Uma moção social-democratica

Para mostrar como a social-democracia cumpre as suas promessas, a *Aurora*, do Porto, (27 de Dezembro) reproduz a moção sobre o imperialismo votada no congresso social-democratico alemão de Chemnitz, em Setembro de 1912. Reparem os nossos leitores neste periodo:

«A Social-Democracia lutará com toda a sua energia contra as tendencias imperialistas e patrioteiras, onde quer que se manifestem, e praticará da maneira mais resoluta a solidariedade internacional do proletariado, o qual não mantem em parte alguma sentimentos hostis para com um povo estrangeiro».

Aqui o deixamos a titulo documental.

Portugal na guerra

Deve ter-se por gorada a ideia tremebunda da «nossa» participação na guerra, ahí acariciada pelos democraticos, acolitados pelos evolucionistas? Sabe-se lá. E' certo que dela fez primeiro ponto do programa do seu governo oepico Victor Llugo; mas afirma-se que a coisa constitui «uma aventura que mal comportam os nossos recursos militares e financeiros», e que em «conservarmo-nos alheios ao conflito, vai o proprio interesse da Inglaterra». E isto leva a crer que o dito epico, dissipados os fumos guerreiros com que subiu ao poder, nem terá ocasião de se dedicar ao outro ponto da sua tarefa — limpar as ruas.

Primeiras letras

QUE É REPUBLICA?

Por muito tempo, a palavra *republica* teve para a gente conservadora o sentido de *desordem*, — o que andam apostados a justificar certos republicanos; assim como para a gente simples e credula possuiu a virtude magica de tudo melhorar, só com substituir no rotulo do regimen politico, sua irmã — a monarquia.

E' formada de dois vocabulos latinos — *res publica*, que querem dizer: *coisa publica*, *coisa que é de todos*. E designando, no seu sentido absoluto, o sistema em virtude do qual o povo exerce por si mesmo o governo, não passa dum sistema de governo em que o povo, persuadido de que é soberano, se dá a ilusão até da liberdade de nomear — e de sustentar — os seus senhores.

Embora a palavra *republica* signifique a *coisa publica*, diz o escritor C. Malato, nunca foram as republicas senão coisa de alguns. As republicas mais democraticas da antiguidade, isto é, as da Grecia, eram fundadas sobre a exploração de uma massa mantida fóra da humanidade: contavam quasi um homem livre, um cidadão, por cada dez escravos. A republica romana foi o mais espantoso exemplo de bandoleirismo, a pilhagem do mundo por exercitos de bandidos para maior proveito de uma casta de patricios que espesinhavam uma massa de plebeus. As republicas da Idade Média foram oligarquias de aristocratas e de mercadores, desconhecendo absolutamente o que eram a liberdade humana, a igualdade social e o povo. E as republicas de hoje vemo-las subsistindo como as da antiga Grecia, pela exploração de uma massa desherdada, ignorante e servil, cheia de preconceitos por seus amos e senhores, — com esta diferença apenas: então os homens dessa massa chamavam-se escravos e actualmente chamam-se salarizados.

Na sua maior parte os republicanos abandonaram os seus antigos principios de revolução economica e fraternidade universal, trazem de rastos o seu velho lema de liberdade, igualdade e fraternidade; mas de justiça é dizer que, para os que receberam e não esqueceram as lições de alguns dos seus avós, republica é uma coisa muito diferente da organização democratica de um governo capitalista, que ora tem aquele nome. Uma exclamação como a aparatosa — «esta não é a republica que sonhámos!» deve ser o triste eco da sincera dor d'esses poucos.

Ao que parece, apesar dos varios exemplos de aborto social que a palavra *republica* tem inspirado ou cobre, ela

está destinada a designar a organização da sociedade por que lutam todos os avançados e como a deseja o proletariado: não se chama republica comunista á de Babeuf e de Blanqui, republica libertaria á de Bakunine e republica social á dos modernos sociais-democratas? A republica ideal vem a ser a comunidade de bem-estar e liberdade.

Abc.

Mancha da "Kultur"

No seu livro *A Patria deles*, o bem conhecido Hervé insere umas quatro amostras de canções patrióticas alemãs, reunidas num manual escolar. Frases das duas ultimas:

«Cuidado! Se se mexem, se dão um passo para nós, apanham mais uma tarefa, e por fôrma definitiva, oh pilhas descarados!

«Havemos de derribar as muralhas insolentes da vossa Ascalon; havemos de arrazar as vossas cidades, e ninguem mais saberá, ninguem mais poderá reconhecer onde Ascalon-Paris existiu e onde os franceses viveram!

«Salvé, rei Guilherme, heroi pio e forte! Hurrah! O teu povo inteiro te aclama. Hurrah! Olha bem para nós e terás ocasião de ver como tosamos rijamente os franceses!

«Avante! avante! Recomecemos a dansa! Hurrah! hurrah! hurrah! A Paris! Paris é o nosso objectivo! Nossos pais já por duas vezes lá estiveram. Também nós lá estaremos em breve. Victoria! Cantemos o velho estribillo: Hurrah! é carregar, carregar sobre os franceses!»

Que cerebro infantil, exclama com razão o redactor da *Guerre Sociale*, seria capaz de resistir a uma tal sugestão, a estas excitações perigosas! E nós exclamamos por vez: — que procedimento havia a esperar de quem recebeu semelhante educação, senão esse de que nos teem vindo os ecos!

Uma reforma

Era do programa do governo Bernardino Machado a reforma da lei das associações de classe, muito necessaria, segundo êle, para... nem já sabemos o quê. E porque o era, o ministro elaborou o respectivo projecto — mau, por sinal, e a comissão parlamentar redigiu seu parecer — uma peste, pela amostra que trouxe a publico o deputado socialista. Foi ha pouco mais de um ano. Quem se lembra hoje disso?

Novos impostos

Anuncia-se mais um aumento de contribuições. Aham os senhores do poder que o país, apesar de pagar agora uma soma de impostos superior á do tempo da monarquia, ainda pode pagar mais. E êle que se cala, dá-lhes razão. Mas, porque não cuidam de diminuir as despesas?

A minha carteira

Medição do tempo

Na contagem ou medição do tempo usa-se em Portugal, como em quasi todos os outros países e até no Japão, o calendario com que certo papa Gregório dotou a cristandade, vai para quatro seculos. Obra divina, embora não elaborada apenas sob a inspiração do Espirito Santo, mas tambem com o concurso de um tal Lilio, medico de officio, segundo é fama—sujeitos ha que, em apodos de resingões e bafordas de hereticos, a acham defeituosa, pueril, incoerente e até reaccionaria! Dahi o haverem sido propostos em sua substituição, e até usados, outros calendarios, e o ter vindo mais de uma vez a «tela da discussão» a sua reforma. O assunto que, ainda que o pareça, não é nenhuma ninharia, tem interessado alguns escritores da vanguarda do proletariado militante, como, por exemplo, Stackelberg. Segundo elle, uma nova medida de tempo exige, para ser racional e universal, o seguinte:— 1.º-o abandono para sempre de todos os velhos calendarios, vindos numa epoca em que a mentalidade humana se encontrava ainda presa ás concepções segundo as quais a Terra está imóvel no espaço e centro de todo o universo ou a Terra e todas as coisas foram criadas para o homem, e por isso chamadas geocentricae antropocentrica; 2.º-a fixação do começo do ano nos equinocios ou nos solsticios, como já por Voltaire fôra aventado, de preferencia no equinocio da primavera, 21 de março, o qual se apresenta mais bem indicado para abertura do ano, já porque para a quasi unanimidade dos habitantes do nosso planeta coincide com o remogar da natureza, já porque a grande maioria dos continentes e das terras habitadas no globo acham-se no hemisfério boreal, e, entre as que estão no hemisfério austral, só a Nova Zelandia, a Patagonia e o extremo sul da Australia e da Africa, ultrapassando os trópicos, tem estações pouco definidas; 3.º-a divisão do ano em 12 meses de 30 dias, cada um, divisão que é duma necessidade inelutavel para o calculo e para os negocios de toda a ordem, e que, sendo recomendada pela nossa Santa Madre Lei, é conforme ás possibilidades do sistema metrico; 4.º-a semana de 5 dias, pois só este periodo, rigorosamente decimal como é, faz cair os dias feriados ou de repouso sempre em datas fixas, visto que tanto o numero 30 (dias do mês) como o numero 365 (dias do ano) são perfeitamente divisiveis por 5, e alem disso importa quatro dias consecutivos de trabalho, em vez de seis; 5.º-a semana ferida de 5 dias, ao cabo dos anos ordinarios, e de 6 nos anos bissextos; 6.º-a divisão decimal do dia, da hora, do minuto e do segundo, contando-se sem interrupção as diversas partes, como foi desejo do deputado sr. José de Lacerda sob a monarchia e o é dos nossos legisladores republicanos ou como já fazem, ao que se pretende, os italianos e os norte-americanos quanto ao dia, e começando este

com o nascer médio do sol, 6 horas da manhã, segundo a divisão ainda em uso. E hom seria, acrescenta o mesmo escritor, que em vez de festas religiosas, o primeiro dia de cada estação fosse declarado feriado e de descanso, afim de que o homem, reposto do seu antigo erro antropocentrico, possa, como quere Zola no seu belo sonho genial *Trabalho*, comunicar mais intimamente com a natureza, nossa mãe comum.

O socialista

C. Novel julga indispensaveis ao socialista militante certas qualidades, como uma vontade livre e forte, uma confiança absoluta e racionada no futuro do Proletariado, e um dominio completo de si mesmo, que o torne senhor dos seus panicos, dos seus temores, das suas coleras e dos seus erros. O militante socialista —acrescenta o mesmo escritor— nunca deve esquecer que sendo o individuo a resultante do meio que o cerca e que lhe agrada, quanto mais se afastar do Proletariado, pelo nascimento e necessidades, da mesma forma que pela posição e relações, menos estará apto para verdadeiramente compreender a Ideia e ser-lhe fiel.

Um magico.

Juventude Sindicalista

No domingo, 3, o grupo dramático da Juventude Sindicalista de Lisboa realiza uma festa em homenagem ao Nucleo, pelo 2º aniversario da sua fundação. A festa compreende: Sessão solene, pelas 14 horas, em que usarão da palavra oradores do movimento operario; seguir-se-á um concerto musical pelos grupos Troupe Familiar dos Silvas e o Grupo Musical 15 de Julho. A's 21 horas, grandiosa «Velada Social,» abrilhantada por um grupo da Tuna Tondelense.

Os poucos bilhetes que restam estão á disposição dos camaradas filiados e não filiados, na rua do Arco da Graça, 4, 2.º, séde do Nucleo.

Afonsismo em acção

Consta que no Funchal a formação do actual ministerio foi festejada com um assalto ao semanario *Trabalho e União*, seguido doutro ao *Povo*, órgão evolucionista.

Divida flutuante

Segundo as notas publicadas no *Diario do Governo*, de junho de 1910 até 31 de julho de 1914, a divida flutuante cresceu em escudos 5.758.302\$04,8

Ralham comadres...

Porque o govêrno que succedeu ao do cordial Bernardino é raído da cor do mosto, e não do alvo unionismo, como pretendia o sr. Brito Camacho, desatou este a ralhar e logo toda a feira politica se pôs em alvoroço. Nós, de palanque, fiados na certeza do ditado, fazemos votos por que jámais se acomodem...

Duas palavras

A primeira intenção do grupo editor do *Germinal* foi lançar a sua publicação diaria, para o que iniciou a necessaria propaganda, num momento que tudo parecia indicar como bastante favoravel ao bom exito duma tal iniciativa. Infelizmente o proletariado não respondeu aos esforços empregados, mercê, sem duvida, do novo aspecto que tomou o movimento operario sindicalista e tambem porque o povo operario não atingiu ainda o grau de consciencia preciso para poder dispensar uma certa imprensa de que por vezes amargamente se queixa.

Raros corresponderam ao apelo que este grupo lançou, —os raros de sempre, os que nunca recuam perante os sacrificios exigidos pela luta. Assim a iniciativa ficou impossibilitada de prosseguir, e hoje o grupo contando com os seus esforços e a dedicação de alguns camaradas, inicia a publicação trimensal do *Germinal*, sem contudo abandonar os seus primeiros projectos, quer no que se refere á publicação do diario, quer no que diz respeito ao seu programa de educação e solidariedade; simplesmente espera a melhor oportunidade para pô-los em prática.

O *Germinal* é enviado a todos os nossos amigos e camaradas que pagaram as suas quotas para a publicação do diario; aqueles que não queiram assim-lo e desejem levantar quantias entregues, farão o favor de devolver os exemplares recebidos e dirigirem-se á nossa séde para receberem as respectivas importancias.

Tendo-se dissolvido de comum acordo entre os seus socios o «Nucleo Escola Livre,» de Belem, foi estabelecido distribuir o dinheiro em cofre, cabendo ao *Germinal* a quantia de 20 escudos para ser aplicada no comprimento do seu programa escolar, que, como assim dizemos, será iniciado logo que as circunstancias o permitam.

Escola racionalista «A Florescente,»

No domingo passado houve nesta escola sessão solene, em que estiveram representadas diversas associações, e fez uma conferencia de propaganda da instrução o nosso amigo Emilio Costa.

No proximo domingo, 3, o camarada Jaime de Castro, realisa tambem uma conferencia, para a qual são convidados os socios da escola e suas familias e continua a kermesse em beneficio do cofre escolar.

Expediente

As pessoas a quem enviamos estenunero e nao queiram assinar o *Germinal*, farão o favor de devolvê-lo, para o que basta lançá-lo na caixa do correio, escrevendo na respctiva cinta: **Devolvido á administração.**

ACIDENTES DE TRABALHO

Promovida pela União dos Sindicalistas de Lisboa, cuja sede é na travessa dos Inglezinhos, 3, 1.º, deve efectuar-se no domingo, 3 do corrente, uma reunião operária para se estudar a forma de remediar algumas das deficiencias da lei dos accidentes de trabalho.

Em proveito do «Germinal»

Encontram-se á venda na nossa adm nistração as seguintes publicações:

- A Anarquia, por E. Malatesta (2.ª edição) .. 5 cent.
- Le Salarial, por P. Kropotkine 2 "
- Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave..... 2 "
- Le Parlementarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot 2 "

Biblioteca d'«A Sementeira»

- A social democracia na Alemanha, G. Laudauer 2 ct.
 - O governo revolucionario, P. Kropotkine 2 >
 - A confederação do trabalho, P. Delessalle. 2 >
 - Aos camponeses, R. Mella 2 >
 - Os bastidores das guerras, P. Kropotkine 2 >
 - Teatro livre parte social, E. Silva. 2 >
 - A Guerra, os financeiros e a politica, Delajzi 5 >
 - O dia de oito horas, C. G. do Trabalho 2 >
 - Semeando para colher, C. Dias. . 2 >
 - O rei e o anarquista, Libertas. . 3 >
 - Catecismo ateu, B. Betencourt. . 3 >
 - Programa socialista anarquista, E Malatesta 3 >
 - Fado livre racional, Seziurosa 5 >
 - Coeducação, L. D'ore 4 >
 - Um seculo de expectativa, P. Kropotkine 5 >
 - O espirito revolucionario, P. Kropotkine. 5 >
 - A Anarquia, E. Malatesta. . . 5 >
 - A's mulheres, J. Prat. . . . 5 >
 - A Canalha, um de nós. . . . 15 >
 - Em ruínas (teatro), E. Silva . 15 >
 - Evolução e Revolução, E. Reclus. 40 >
 - Almanaque d'A Aurora, para 1913 5 >
- Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e feitos á

Sementeira

Cais do Sodré, 88 — Lisboa-Portugal